

Museu da Imigração**Coleção de História Oral****Núcleo:** Pesquisa**Projeto:** Deslocamentos indígenas e negros**Entrevistados:** Zélia Luiz e Júlio Cesar Pio**País de Origem:** Brasil**Data da gravação:** 27 de novembro de 2023**Forma do Documento:** Gravação em vídeo, áudio e transcrição.**Autor da transcrição:** Audiotext**Pessoas presentes na gravação da entrevista:** Thiago Haruo Santos, Marci Jean Pereira Santana**Local:** Aldeia Ekeruá - município de Avaí - SP.**Duração:** 01:36:48**RESUMO**

Zélia Luiz nasceu no Mato Grosso, na aldeia Ipegue, em 1981. Antes de completar um ano, migrou para o Estado de São Paulo. Júlio Cesar Pio nasceu em 1966 na terra indígena de Araribá, São Paulo. Nesta entrevista Zélia e Júlio, casal do povo indígena terena, falam sobre a constituição da terra indígena (TI) de Araribá, que passa pela migração de indígenas terena do Mato Grosso do Sul. O casal conta também da infância e suas percepções comparando o hoje e o passado. Zélia e Júlio narram as trajetórias de cada um em relação ao estudo e ao trabalho. O casal também descreve seus papéis como caciques da dança da chuva e da dança da ema, a primeira uma dança feita por mulheres, coordenada por Zélia e outra pessoa, e a segunda uma dança masculina coordenada por Júlio. O casal também apresenta e relata as situações de deslocamento interno e externo à TI. Por fim, Zélia e Júlio expõem as situações de preconceito e estranhamento que eles e os outros moradores da TI vivenciam.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamento indígena; terena; aldeia Ekeruá; Avaí; educação indígena.

Museu: Bom, hoje é dia 27 de novembro de 2023. Estamos na terra indígena de Araribá, é a aldeia Ekeruá, no município de Avaí, estado de São Paulo. Estamos aqui na gravação eu, Thiago Haruo e Marci Jean Pereira Santana pelo Museu de Imigração, Zélia e Júlio, que depois vão se apresentar corretamente, com o nome completo. E hoje estamos aqui numa entrevista do projeto de História Oral, "Deslocamentos Indígenas e Negros em São Paulo". O eixo é "Deslocamentos Indígenas em São Paulo". Eu vou pedir então para vocês dois, para começarem com o seu nome completo. Por favor, Zélia e Júlio. Se apresentarem.

Zélia: Agora?

Museu: Isso.

Zélia: Sou eu?

Museu: Isso.

Zélia: Tá. O meu nome é Zélia Luiz, tenho 42 anos, me identifico como Zélia Terena. Só isso?

Museu: Sim, por enquanto é isso.

Júlio: Boa tarde, meu nome é Júlio César Pio, tenho 57 anos, moro aqui na aldeia Ekeruá, desde quando eu nasci eu moro aqui na terra indígena de Araribá.

Museu: Eu vou pedir para vocês dois, então, dizerem mais uma vez a data de nascimento e o local de nascimento de vocês.

Zélia: Eu nasci em Mato Grosso do Sul, na aldeia Ipegue. Eu sou nascida lá, nasci na aldeia de lá, e antes de completar um ano de idade, aí os meus pais vieram para cá, para a terra indígena de Araribá. Antes a gente morava numa aldeia que se chama Kopenoti, e atualmente a gente mora nessa aldeia nova, uma aldeia fundada, nova, que aqui se chama Aldeia Ekeruá.

Museu: Júlio.

Júlio: É, boa tarde mais uma vez. Meu nome é Júlio, tenho 57 anos. Eu sou de dia 04/09 de meia, meia, 66. Moro aqui, na aldeia Ekeruá.

Museu: Nasceu aqui.

Júlio: Nasci aqui mesmo, terra indígena de Araribá.

Museu: E os pais de vocês? De onde são os pais de vocês? Você falou do seu caso.

Zélia: Eu esqueci de falar a data. Tem que falar? Que eu nasci.

Museu: Não, você disse. Eu acho que você disse, mas se você.

Zélia: Eu só falei o local só.

Museu: O local? Então vamos lá de novo, a data.

Zélia: Eu sou do dia 1º de agosto de 81.

Museu: E de onde vêm seus pais?

Zélia: O meu pai, ele é da Aldeia Ipegue, e a minha mãe, ela é nascida aqui mesmo, na terra indígena de Araribá. Mas a minha avó, ela veio de Mato Grosso do Sul, da Aldeia Cachoeirinha. De Miranda lá.

Museu: E seu Júlio.

Júlio: Os meus pais, ele veio de Aldeia Cachoeirinha, com um ano de idade, e meus avós, são... o meu avô era de Ipegue, a minha avó que é de Aldeia Cachoeirinha de Miranda.

Museu: Seu Júlio, a gente estava conversando um pouco, antes de começar a entrevista, que o senhor conhece bem essa história, de como eles, os seus avós, os seus parentes, seus antepassados, vieram para cá. O senhor pode contar um pouco essa história?

Júlio: Ah sim. Então, meu avô, ele veio para cá em 1932, ele veio conhecer com o Marechal Rondon, que era o Marechal. Então, o meu avô era motorista dele. Como o meu avô ele já servia o exército, naquela época eram mais os militares que acompanhavam. Aí meu avô veio para cá, para a terra indígena de Araribá. E aqui já habitavam os guaranis. Naquela época, de 1932, já tinha dado uma doença aqui nos indígenas de febre amarela. Então foi exterminado muitos índios, deu muita doença neles. E não tinha medicamento né, aí morreram muitos. E como a população guarani já estava pouca, e o governo atual queria já tomar a terra. Então, como o Marechal Rondon e meu avô Teotônio [palavra inferida] Pio, Teotônio [palavra inferida] Pio foi para Mato Grosso, convocou o pessoal lá do Mato Grosso, lá de Cachoeirinha, e trouxe várias famílias de lá para cá, muitas famílias vieram de trem, vieram de trem de lá para cá, e meu avô se tornou o cacique, o primeiro cacique terena da terra indígena do

Araribá. Aí ele ficou de cacique até 1972, onde veio a falecer, com problemas de infecção de urina, fez várias cirurgias, mas não resistiu, morreu em 1972.

Museu: Como era o nome do seu avô?

Júlio: Teotônio Pio.

Museu: Ah o Teotônio Pio.

Júlio: Teotônio Pio, é o sobrenome dos... vem da família Pio, que tem muitos em Mato Grosso, em Ipegue, aldeia Cachoeirinha. Então, a família Pio é muito grande, do lado de Mato Grosso, e aqui também tem bastante. Então, naquela época, ele veio com as famílias terena para cá. Onde se foi aumentando as famílias. E muitas famílias também que veio com ele naquela época, que aqui no estado de São Paulo era muito frio, muitos voltaram também, que não adaptou com o clima do estado de São Paulo. Aí permaneceu um pouco também aqui. Aí que aumentou a população terena aqui no estado de São Paulo, na terra indígena de Araribá.

Museu: E o senhor ouvia histórias sobre Cachoeirinha? Sobre Ipegue? Como era lá? Como era a vida lá antes? Se era em um local só ou se as aldeias também estavam em mais de um local?

Júlio: Na época era poucas famílias, então existia a aldeia Ipegue, Ipegue e a aldeia Bananal, e Cachoeirinha era a única, era uma única aldeia só, e hoje ela tem várias aldeias lá em torno da aldeia Cachoeirinha. A Aldeia Cachoeirinha hoje é chamada de Aldeia Mãe. Então, é, se esparramou lá pra Aquidauana na Aldeia Limão Verde. Então, tem várias terenas lá naquela região, e a Aldeia... lá na área de Aldeia Buriti, lá em Sidrolândia. E lá tem muitos povos terenas também.

Museu: E nessa vinda para cá, junto ao marechal Rondon, e depois quando trouxe esses outros terenas para cá, quando... isso foi em torno de algum tipo de agricultura? Era para trabalhar nas terras? Tinha alguma ideia assim? Ou trazia as famílias e o que que falavam para elas?

Júlio: Quando o meu avô falava assim que eles vinham para cá para segurar a terra, e também para plantar, porque os terenas, eles são agricultores, eles mexem muito com o plantio. Mandioca, milho, batata doce, abóbora. Na época, aqui também era, a terra era fértil. E se produzia, se plantasse. Não precisava agrotóxico, que nem hoje, adubo, então, ela era bem fértil mesmo. Então, eles vieram nesse intuito também, segurar a terra e para plantio mesmo. Era isso aí que eles vieram mais para cá também.

Museu: E aí quando fala segura a terra é para alguém não tomar.

Zélia: Por causa dos tupis, né? Guarani.

Júlio: Isso, porque os Guarani já tinham pouca. Então eles queriam diminuir o território Araribá, que diminuiu muito também, porque aqui no relato, pegava aqui Avaí, perto de Bauru, então era muito grande, então ela foi, ela já estava aumentando... ela já estava diminuindo. Como os terenas vieram para cá, ajudar a segurar o território, então aí ficou esse território de Araribá, com 930 hectares que temos hoje aqui no município de Havaí, que são quatro aldeias, aldeia Tereguá, Nimuendajú, Ekeruá, que é aqui, e Aldeia Kopenoti, que é a aldeia mais velha também.

Museu: Então vocês dois nasceram já aqui. Qual a lembrança que vocês têm da infância de vocês... como foi essa infância? Vocês lembram, faziam o quê? Aprendiam o que com os mais velhos? Com os outros mais novos? Poderiam contar um pouco dessa infância?

Zélia: Como eu disse, eu nasci em Mato Grosso, na aldeia Ipegue, mas eu não fui criada naquela aldeia, eu só nasci. Aí os meus pais vieram para cá.

Museu: Tá.

Zélia: Porque antigamente só tinha duas aldeias, que o meu esposo falou, que é a aldeia dos Tupi Guarani, que é a aldeia de Nimuendajú, e a aldeia mais velha que a gente considera como mãe também, a aldeia Kopenoti. Então a gente morava ali, os terena moravam nessa aldeia Kopenoti. Na minha infância, que eu lembro muito, não me recordo muito bem, mas o que ficou na minha memória, os afazeres que a gente tinha, como eu fui criada pela minha avó, a minha mãe, ela, bem nova, ainda foi embora para São Paulo, 41 anos que ela está em São Paulo, trabalhando, e ela me deixou com a minha avó. E ela separou do meu pai, e não deu certo, então ela seguiu o caminho, achou um trabalho lá e hoje ela já é aposentada. E eu fiquei com a minha avó na aldeia Kopenoti, e eu pude aprender muita coisa com a minha avó, a minha língua, principalmente, os cuidados que a gente tem que ter. Eu digo assim que hoje já não tem mais o que eu vivi lá, como quando eu era criança. Porque antes a gente buscava lenha com a minha avó, eu tinha que ajudar ela, baldear água na cabeça. Minha avó me ensinou a baldear água, não segurar o balde, fazer os deveres da casa, limpar a casa, limpar o quintal, então tudo isso a minha avó me ensinou. Mas antes eu tinha que ir para a escola primeiro, então eu entrava sete horas, eu tinha que ir na escola, dava meio-dia, eu chegava em casa e já fazer o dever de casa. E na escola, eu me lembro que eram professores não indígenas. E se a gente falava alguma coisa na nossa língua, eles não gostavam, eles brigavam com a gente. Eles não queriam que a gente falasse. Eu acho que é daí que já começou a entrar o português nas aldeias devido aos professores não serem indígenas, e foi-se perdendo um pouco a língua, devido à chegada da língua portuguesa. À noite, a gente fazia aquela fogueira, a minha avó contava das histórias, hoje já não tem mais, devido as tecnologias que entrou agora, então as crianças às vezes não querem mais ouvir as histórias. Eu digo para os meus filhos que hoje já não tem muito mais. Ela sentava a gente e contava a história que aconteceu do povo terena, então hoje já não tem muito mais, hoje é trabalhado tudo dentro da escola. Hoje não tem muito mais a oralidade.

Museu: E como é o nome da sua avó?

Zélia: Leonilda Luís.

Museu: A Dona Leonilda, ela te contava essas histórias?

Zélia: Sim.

Museu: De onde ela veio também?

Zélia: Sim.

Museu: Você poderia contar um pouco dessas histórias?

Zélia: Então, ela sempre falou dos avós dela, que o avô dela, ele era do exército, ele fugiu da guerra, e ela cuidou deles também até eles falecerem.

Júlio: Guerra do Paraguai.

Zélia: Da Guerra do Paraguai. Então, ele participou disso. Então, ela conta isso para nós, ela se emociona, porque eles tiveram que se esconder, então, e o que você tem que fazer como mulher e o que você não pode fazer, então, são histórias que é passada de geração para geração. O que eu aprendi com ela, eu vou passar para os meus filhos, e para os meus alunos

que estão ali na escola. Se ela passou para mim, então é meu dever de passar para eles, mas o que eu vivenciei é... como é que se fala porque eu vivi lá, as crianças não vivem mais hoje. É bem diferente. Então a gente buscava manga, cavalo, eu dizia para o meu esposo. A gente não tinha noção do perigo. A gente ia para o mato, caçar goiaba, caçar manga. É uma aventura em tanto, mas a gente não tinha noção do perigo. Agora que a gente tem mais idade, que a gente para e pensa, os perigos que a gente corria na mata, mas como a gente era criança e conhecia a mata, então não tinha perigo nenhum.

Museu: Isso foi na Kopenoti.

Zélia: Na Kopenoti.

Museu: Fica perto daqui?

Zélia: Fica, fica perto.

Júlio: [palavra inaudível] quilômetros.

Museu: Mas fica num lugar mais fechado? Mais pra dentro?

Zélia: É mais para baixo.

Museu: Mais para baixo?

Zélia: É, isso.

Museu: E a aldeia segue lá? A Kopenoti?

Zélia: Isso, lá tem famílias que moram lá. Nós temos parentes lá que moram também.

Museu: Senhor Júlio, então um pouco da sua lembrança também da infância, o que o senhor lembra assim?

Júlio: Então, quando nós era criança, como nós já... tem um tempo que a gente... uma certa idade que a gente lembra do passado, então a nossa infância era mais de brincadeira também. Nós tinha várias brincadeiras. As crianças era tudo junto. Brincava com um, brincava com o outro. Ficávamos todas juntas. Nós íamos pescar lá no rio Batalha, pescava ali no rio Araribá também, tinha uma canoa que a gente pescava, hoje já não tem mais, por causa da... de assoreamento das águas, das nascentes, então, hoje os jovens de hoje eles não sabem nem nadar, então, que eu tenho a menina, ela tem 11 anos, ela não sabe nadar, porque ela nunca foi no rio nadar, não tem rio aqui. E as histórias, as histórias que a nossa mãe e que os nossos avós contavam para nós é aquela marca para nós, que quando você é criança, você está com a mente boa, você guarda as lembranças, que naquela época, quando se falava a língua, você falava tudo, ia aprendendo as histórias na língua. E hoje como a tecnologia chegou, os tempos mudaram, aí precisa de escrever para o jovem hoje aprender, mas naquela época não tinha, como que ia passar uma escritura para um menino que não sabia nem escrever? Então era passado na.

Zélia: Oralidade.

Júlio: Na oralidade mesmo. Então, essas lembranças que traz... traz uma recordação boa, hoje você não se ajunta mais, hoje cada um na sua casa, com sua novela, com sua tecnologia, o seu trabalho para apresentar amanhã na aula, então mudou o hábito nosso também, de viver, porque as coisas vão mudando e a nossa vivência também vai vivendo, vai modificando. Eu falo assim, naquela época lá de trás, quando eu tinha dez, doze anos, nós éramos felizes e nós

não sabíamos. Nós éramos felizes e nós não sabíamos. Hoje você se preocupa com tudo, hoje você se preocupa de colocar um crédito no seu celular, você se preocupa.

Zélia: Contas para pagar.

Júlio: Com uma conta de luz, com.

Zélia: Alimento.

Júlio: Alimentação, o IPVA do carro, então a gente vai... o seu CNH... minha CNH, eu já estou preocupado que vai vencer esse mês, então é uma preocupação e aquela época não tinha essa preocupação, porque nós vivíamos livre da tecnologia, das contas que a gente, a gente corre atrás das contas também né.

Museu: Seu Júlio agora estava falando das mudanças mais recentes, mas vocês escutavam histórias também de como a vida mudou do Mato Grosso, de Cachoeirinha e Ipegue para cá? Quando os seus avós vieram para cá e viver para cá, se mudou um pouco da vida ou isso não foi muito falado? Como é que eles falavam?

Zélia: Você diz, que mudou lá?

Museu: É.

Zélia: Pelo que a minha avó conta para nós, mudou também. A população cresceu, a população se dividiu, às vezes tem o próprio conflito dentro de uma comunidade, e eles vão fazendo a sua aldeia. Por isso que hoje tem várias aldeias lá, porque antes era só a aldeia Cachoeirinha. Hoje já são várias aldeias, várias aldeias que hoje eu nem sei o nome assim de alguns, ele citou algumas, mas tem mais, porque eles fundaram uma outra aldeia, então a minha avó fala que mudou muito, não sei se é, porque é difícil eu ir lá. Quem vai é meus filhos a passeio. Mas eles falam que cresceu muito a população lá. Da uma cidade, essa aldeia. É uma cidade, tanta população que tem ali. É por vilas. Essa aldeia Cachoeirinha, pelo que eles me falam, já é vila tal, vila isso, vila aquela, já separou por vila. É dentro da aldeia Cachoeirinha, mas são vilas, antes não, antes era só a aldeia Cachoeirinha, e eu vejo que mudou e... uma das histórias que a minha avó conta também, que lá a irmã dela que já é falecida, ela veio um tempo para cá visitar a minha avó, ela conta que houve uma coisa assim que, não sei como é que fala no português, sobrenatural, não sei como é que fala, mas é tipo, a gente crê muito nisso, que a mãe da água, ela mudou do rio para ir para um outro, eles viram, ela se mudando no céu. Então, mas se a gente for contar isso para o não indígena, ele não vai acreditar. Mas a gente acredita. Essa mãe da água, ela deu um vento, ela disse que deu um vento. Um vendaval, tá muito furioso, como é hoje. Hoje a gente acredita que a mãe natureza ela tá furiosa, devido ao desmatamento. Então ela se mudou, porque tava já secando a água, alguma coisa assim que ela conta. E aqui, quando era pequena, ela sempre falou para nós, para a gente não brincar com aqueles filhotinhos de peixe, filhotinhos de peixe, eu não sei também como é que se chama, é uns filhotinhos de peixe. A gente queria pegar na mão, ela falou: "Não é para pegar, porque se você pegar um deles, a mãe dela vai sentir falta do filhote dela." Então a gente teve esse respeito com os peixes, então foi um ensinamento que ela passou para nós, porque se a gente pegasse desse peixe e judiasse dele, ela falava que pegava o nosso espírito e levava para o fundo do mar e a gente morria. Então ela teve um fato que aconteceu com uma criança. E essa mãe, a mãe do peixe, ela pegou o espírito dessa criança e levou para o fundo do mar. E essa criança veio a falecer. Tanto o redemoinho também. Então aqui tem um redemoinho. Não sei, redemoinho, fala. Porque no

meu idioma se chama kirikuku [palavra inferida], então é um redemoinho. Ele vai... não é para permitir que as crianças...

Museu: O microfone do seu Júlio caiu aí, vamos esperar só, desculpa, a gente volta. Marci tá escutando? Seu Júlio, pode falar para a gente testar de novo?

Júlio: [palavra inaudível].

Museu: Pode falar alguma.

Júlio: Eu queria falar um pouco, assim, das mudanças.

Museu: Foi?

Júlio: Das mudanças de lá para cá também. Quando meus avós veio de lá para cá, eles trouxeram muitas coisas que usavam lá. Tipo de comida, comida natural, que se plantava e colhia, comia as coisas que nós mesmos produzia, e hoje, aquelas comidas de lá para cá já mudou também. Mudaram muito, hoje a gente come mais industrializado mesmo, essa mudança que foi... que aconteceu aqui na nossa comunidade, se mudou o hábito alimentar.

Museu: O que que comia mais?

Júlio: Comia mais o que produzia, mandioca, batata, o arroz, o peixe, então se comia tudo natural, e se vivia mais, não tinha diabetes, não tinha pressão alta, então era tudo mais natural mesmo, que vivia mais. Hoje eu tenho meu tio que mora lá na aldeia Kopenoti, ele tem 103 anos, ele está forte... lembra de tudo, então ele... ele é dessa época que veio de Mato Grosso para cá ainda também, então, se mudou, essa mudança que teve sobre a alimentação.

Museu: Você estava falando do redemoinho que tem aqui também.

Zélia: Então, foi um dos ensinamentos que a minha avó me ensinou. Quando ela falava assim, quando você tiver filhos, não deixa eles correm atrás do redemoinho, porque ele também pega o espírito da pessoa.

Júlio: É tipo de um tornado, né?

Zélia: É.

Júlio: Mas só que ele é mais [palavra inaudível].

Zélia: Aí aconteceu um fato real também aqui na aldeia, esse redemoinho passou num varal de um indígena e pegou, o nenenzinho era recém-nascido, levou a blusinha dele junto. E esse nenenzinho, ele faleceu também. Então é isso tudo que a gente aprende. Que eu aprendi com a minha avó, então eu passo para os meus filhos. A não mexer com o redemoinho, porque não é bom. Então isso é uma das lembranças que ela passou para mim, ela é viva ainda, que ela passou para mim e eu passo para os meus filhos também.

Museu: A sua mãe.

Zélia: É... minha mãe quando eu falo, é minha avó.

Museu: A sua avó né.

Zélia: É que eu falo mãe para ela.

Museu: Ela está viva.

Zélia: Ela está viva ainda.

Museu: Vive atualmente?

Zélia: Viva aqui também, na Ekeruá.

Museu: Seu Júlio, o senhor também conviveu com seus avós, eles viveram aqui, seus pais também? Os dois?

Júlio: Sim, o meu avô, minha avó, meus avós paterno e meus avós materno também, então a minha avó materna, ela contava mais história, ela juntava os netos, os filhos dela, e falava as histórias, que acontecia, o que ela viveu. Então, ela falava mais com nós, a minha avó materna. Eles falavam mais com respeito, como ela falou, com a natureza, respeitar a natureza, respeitar os mais velhos. É que hoje se perdeu muito o respeito. Ela falava muito para nós isso, mas é de respeito com os mais velhos e com a natureza. Porque se você não respeita a natureza, ela dá um retorno. Mas um retorno não muito.

Zélia: Muito bom.

Júlio: Muito bom. Que nem hoje mesmo. Hoje a natureza está dando uma resposta para a sociedade. E muitos não entendem o porquê dessas ventanias, dos temporais. Agora, nós, muitos ainda têm essa noção que por causa do desmatamento, falta da vegetação nativa, isso que ela passava para nós, para nós respeitar, ter o respeito com todos.

Museu: Bom, sobre então estudo e trabalho, como é que foi isso para vocês? Então a gente fala um pouco da infância, vocês foram para escola? O senhor foi também seu Júlio? O senhor Júlio foi para escola também? Até que idade foram? E depois se foram trabalhar? Se foram trabalhar onde? Vocês podiam contar um pouco desse período também?

Júlio: Então meu... na época que eu estudava, a dificuldade de sair para estudar, que naquela época era a quarta série só, chegou à quarta série, ali parava, e aí ia para a roça, ia aprontar, ia ajudar os pais, até os 12 anos, estudava até os 12 anos. E também naquela época tinha a Funai, aí tinha um indigenista, ele chamava Álvaro Villas-Bôas, não sei se você já ouviu falar do Villas-Bôas, ele era administrador aqui em Bauru, então ele era contra o indígena passar dessa quarta série, então tudo, aprendeu o nome, aprendeu a ler e escrever, estava ótimo já. Mas aí como, aí eu parei na quarta série mesmo, eu não continuei mais, eu trabalho na área de saneamento, saneamento e meio ambiente. Já faz 23 anos que eu trabalhei pela Sesai. Na época era Funasa, aí da Funasa foi para Sesai. Então eu trabalho há 23 anos nessa área. Aí tem o meu viveiro ali que a gente faz a recomposição da mata ciliar, a preservação das nascentes aqui na terra de Araribá. Então é isso aí que é meu, porque o meu foi ter a quarta série só. E o que a gente aprendeu, assim, quarta série para cá, já é mais uma experiência mesmo, se a gente estudou ou tal, não. Fazendo e aprendendo, e cada dia a gente vai aprendendo, cada dia a gente aprende um pouquinho, se a gente tiver força aí, a gente vai aprendendo. Até que uma criança se aprende como uma coisa, um dia, porque a criança ensina a gente também, o meu foi até a quarta série.

Museu: E já tinham outras pessoas que trabalhavam nessa área que ensinou o senhor ou foi uma novidade, foi um trabalho que surgiu nesse período?

Júlio: É, surgiu assim, foi uma novidade, uma novidade que, para nós daqui da comunidade foi bom, para terra de Araribá, se eu fosse falar hoje naquela época eu não saía nada, a primeira vez que eu fui fazer uma palestra do trabalho que a gente faz aqui, lá em Avaré, da vegetação, das matas nativas, aí eu comecei a suar, dar dor de cabeça, fica nervoso, e era para falar, 13 minutos. Aí eu fui se apresentar lá os projetos que a gente faz aqui, mas daí para

lá, a gente já começou a perder um pouco da vergonha de falar, porque eu não falo bem assim, o português correto, eu falo do jeito que eu aprendi a falar. Então, para muita gente, aquela pessoa que está lá, ela quer ver o original. Eu sei que a gente aprendeu desde o começo. Quando eu fui se apresentar lá e se apresentei o projeto daqui, e ultrapassou os minutos, falei 23 minutos, e o pessoal gostou, tinha 600 pessoas. Era prefeito, era secretário de estado, era só o pessoal da.

Museu: Autoridades.

Júlio: Da autoridades mesmo. Então, essa foi uma experiência para mim, cada vez fui aprendendo mais. Comunicar, não tão bem, mas... o que foi para mim melhor é a vergonha de se apresentar, de falar com o público, isso aí foi uma novidade para mim, que eu aprendi a falar um pouco.

Museu: Tá ótimo. E, Zélia, você, como foi esse caminho dos estudos? Também do trabalho?

Zélia: Eu iniciei meus estudos na Aldeia Kopenoti mesmo, como eu disse antes, com professores não indígenas, até a quarta série também. Aí eu terminei a quarta série. Nesse tempo, meio tempo de quarta série, já se começou a falar sobre professores indígenas, e eu tive o privilégio de ter um professor, mas também não seguiu na área de professor, agora ele é motorista também da Sesai. Eu tive um pouco a aula com ele e depois eu terminei a quarta série, e a minha avó falou para mim que eu ia parar por aí, não era para mim, porque a gente tinha que ir para Avaí, uma cidadezinha aqui, município, para gente terminar. Só que ela falou para mim que eu não ia, parou ali, acabou, e como minha mãe já estava em São Paulo, e ela conversou com minha mãe, ela falou que já vai terminar, ela não vai seguir para frente. A não ser que você a leva embora e você cuida dela agora. E eu fui, fui com o apoio da patroa dela também, como ajudou a comparar os materiais, tudo, e fui lá, iniciei meu estudo outra vez. E não foi fácil, eu sempre falo isso para os meus alunos, não foi fácil, dali eu pude entender meio que que é um preconceito até pelos alunos, até principalmente pelos professores. E eu vivenciei um pouco do preconceito ali, mas continuei indo. E depois eu fui para o médio, aí eu casei, não deu certo, voltei para a aldeia outra vez. Os meus dois meninos, que nasceu, que foi criado aqui já. E nesse meio tempo que eu vim para a aldeia Kopenoti, trabalhei lá também, aí fechou onde eu trabalho e fiquei recebendo um, não sei como é que fala, que termina o contrato, daí a gente recebe.

Museu: Seguro né.

Júlio: Seguro desemprego.

Zélia: Isso. Aí eu vim para cá, para casa da minha avó, com o meu filho. Meu filho já estava aqui, na verdade. Ele já veio com oito meses, já. A minha avó foi buscar ele lá, porque eu deixava ele na creche, só que a minha avó era contra deixar o filho na creche, então, ele já veio com oito meses para cá. Tanto que hoje ele não fala a mãe para mim, ele fala mãe para minha avó. E já esse outro já fala, mãe, porque ele nasceu aqui já. E nesse meio tempo que eu vim para aldeia Kopenoti, eles já estavam discutindo de fundar essa aldeia. Já estavam discutindo, tendo a reunião, tudo. E aí eu comecei a estudar, terminar aqui a terceira série do médio aqui em Avaí, concluí aqui em Avaí terceira série, e nisso a minha avó veio para cá, para Aldeia Ekeruá, vieram 26 famílias, quando ela decidiu, foi um conflito também que houve entre as famílias da Kopenoti. E para evitar esse conflito, essas 26 famílias vieram para cá, para essa aldeia que se chama Ekeruá. Não tinha nada aqui, era pastagem, tudo. Não tinha água, não tinha luz. Não tinha nada. Cada um tinha que construir sua casinha. Então, daí eu

vim com ela e nesse meio tempo também, eu já tinha terminado a terceira série mesmo, trabalhei um pouco na colheita de laranja para fora, trabalhei na colheita de café e teve essa proposta da educação escolar indígena vir para a aldeia já né Júlio. Ele acompanhou também esse processo da educação escolar indígena, ele foi um deles que participou. E a escola veio para as aldeias e qual que era a proposta das diretorias, que é a nossa diretoria Bauru, que se tivesse alguém que tivesse concluído o ensino médio que podia estar atuando como professor já. Então, aí teve essa reunião, tudo, e foi indicado três professores naquele tempo, que só tinha três que teriam terminado o ensino médio, que quis se candidatar, e naquele tempo ele era o vice, eu não era casada com ele ainda. Então, aí fizeram um sorteio, eu fui a segunda a ser sorteada. Aí eu entrei já para trabalhar como professora já pro dia seguinte, sem noção de nada.

Museu: Posso perguntar, que ano que surge a Ekeruá? Qual que é o ano, vocês lembram?

Zélia: 2002.

Júlio: 2002.

Zélia: 2002.

Museu: Aí você entra para a escola, nesse ano?

Zélia: Sim, em 2002.

Museu: Ah, nesse próprio ano.

Zélia: É. Quando fundou, os alunos que já tinham, estudou um pouco na aldeia Nimuendajú, um pouquinho meses. Aí conseguimos a escola para que viesse para.

Museu: Já no começo da aldeia, já.

Zélia: É, na formação já. Isso já com a água encanada, com a luz, foi uma luta, mas conseguimos muito rápido isso, graças a Deus. E veio a escola junto também, então aí eu me candidatei. Meu intuito não era ser professora, meu intuito era ser enfermeira. Mas porque também eu vi a necessidade desses anciãos nossos, os mais velhos, que não tinha nenhuma enfermeira formada, e pela minha vó já tomar insulina, às vezes a enfermeira vinha, às vezes não vinha. Aí a minha vó passava mal. E eu coloquei isso na cabeça que eu queria ser enfermeira. Mas aí a gente fala que Itukó'oviti, que é Deus, não foi isso que ele planejou para nós. Para cada um de nós ele tem uma história. Então aí eu entrei como professora e em 2005 veio a proposta da primeira formação indígena pela USP, em 2005 também. Fizemos por quatro anos e concluímos em 2008.

Museu: E você trabalhando já aqui?

Zélia: Na escola.

Museu: Na escola.

Zélia: Aí a gente ia uma vez por mês, ficava uma semana lá. Deixava os nossos filhos, eu tinha os dois meninos. Hoje, às vezes, eu não vou muito a fundo, porque eu me emociono por deixar eles.

Museu: Então, Zélia, você estava falando desse período da formação [palavra inaudível] indígena.

Zélia: Sim. Então, uma parte dolorosa assim, da minha vida, é de não ter participado muito da infância dos meus filhos, porque nesse meio tempo eu tive que estudar. Eu, mais alguns

indígenas aqui da terra de Araribá, a gente ia de van e ele nos levava para São Paulo, ficava entre uma semana e quinze dias estudando lá pela Universidade de São Paulo, a USP. Então, aí é uma parte dolorida porque você via o seu filho chorar e não poder levar ele. Não assim, que era proibido, não, podia, mas a minha avó falava, não, você está indo para estudar, como que você vai estudar lá se você for levar o seu filho. Então, aí eles ficavam com a minha avó. Por isso que às vezes eu me emociono bastante, porque todo mês os meus companheiros falavam, lá vai ela chorar. Então toda vez que eu ia, eu chorava. Eu parava de chorar para lá de Bauru já. Mas eu acho que tudo isso valeu a pena. Tudo isso valeu a pena para a minha história de vida. Isso me trouxe mais força. Principalmente como mulher, uma mulher indígena. Naquele tempo ainda também não era casada com meu esposo. A gente se casou depois, mais para frente, a gente nem sabia que ia se casar. A gente era amigos, na verdade. Daí eu tive a minha filha de 15 anos, também não deu certo, com o pai dela, e foi onde eu conheci ele. Aí eu conheci o meu esposo, a minha filha de 15 anos, tinha 3 anos de idade. Aí ele já considera como filha. Então todos os meus filhos e essa minha filha consideram ele como um pai, tem um grande respeito. E surgiu a bolsa da Uni Sagrado. Tive minha outra filha de 11 anos que é filha dele. Em viagem, naquele tempo, eu concorri à bolsa e fui contemplada pela, hoje chamam, antes chamava Universidade Sagrada do Coração, hoje já mudou, hoje chama Uni Sagrado. Então essa faculdade, universidade, ela dá bolsa para as aldeias aqui, do Araribá. E eu concorri a essa bolsa e eu fui contemplada. E o cacique me chamou, falou: "Oh, você foi contemplada." Porque ele sempre fala para nós: "Pergunta para seu esposo se ele vai deixar ou não." Então, sempre ele fala para nós. Daí, ele em viagem para Manaus, sobre o meio ambiente, ele sempre viajou. Aí eu liguei para ele e ele falou: "Não, se você ganhou, vai". Aí eu fui com o apoio dele já. Voltando um pouco, como eu disse, qual era o desafio de uma mulher indígena que eu falo é de ser uma mulher indígena, criar filhos, ser mãe solteira, e às vezes as pessoas não querer te respeitar por isso. Então, eu fui, lutei bastante contra isso. Até que eu achei o meu companheiro e ganhei mais respeito ainda por estar já acompanhada dele. E ele me apoiando e eu me formei em letras. Então, formei em três anos o curso de letras português. Hoje eu estou muito contente, satisfeita. Temos essa história meio triste que eu conto, mas tudo valeu a pena.

Está valendo a pena, porque eu ainda continuo trabalhando na educação escolar indígena. Se eu estou lá, é porque meu trabalho ainda está sendo bom para ele. E todo fim de ano senta todos os professores com o cacique, ele que vai dizer se eu estou, atualmente estou dois anos já como coordenadora. Então ele que vai dizer se eu estou trabalhando bem como coordenadora ou não, se eu não estou, ou eu volto para a classe, volto a dar aula, ou eu continuo como coordenadora. Todo fim de ano tem esse processo, inclusive os professores estão todos já ansiosos com isso, porque está tendo muitas mudanças agora. Eu consegui me formar e trabalho na escola. E sou representante da mulher indígena também. Às vezes quando tem algum encontro, alguma reunião, aí eu sempre estou indo participar, buscar informações para trazer para as mulheres.

Nós temos um grupo somente de mulheres aqui, que eu criei, usando a tecnologia a nosso favor. Então, ali nós temos o nosso grupo só de mulheres. Sou responsável também de ensinar a dança, a dança, que chama Kohixoti Kipaé putu-putu, dança da chuva. E ele a dança da ema, dança do Kipê, então ele é cacique também da dança. Se às vezes ele não está, vai os outros meninos que já são indicados para ser o cacique da dança. Mas o das mulheres sempre foi eu com a outra professora que se chama Analu [palavra inferida] também. Então nós duas somos responsáveis de chamar as mulheres para dançar no mês cultural de Abril. Aí nós temos que

ensinar as meninas de quatro anos em diante. Nós temos só uma senhora ainda no nosso grupo, anciã, que a gente tem um grande carinho e respeito por ela, que é a nossa pajé também, que é Ingraça Mendes [palavra inferida]. Então, ela é a única anciã que está ainda no grupo das mulheres, porque as outras anciãs já faleceram. Então, a anciã é somente ela ainda no grupo das mulheres. Ela é a nossa pajé.

Museu: Perfeito. Eu vou querer voltar para a dança, depois perguntar para vocês sobre a dança, um pouco esse aprendizado, mas uma questão só sobre migração também. Vocês acreditam que muitas pessoas tiveram que sair daqui das aldeias também ou vieram muitas pessoas viver para cá? Como foi isso nesses anos?

Zélia: Eu acredito, que tem sim, que saíram à busca de trabalho, principalmente, mais a trabalho mesmo. Ou também às vezes que se casam com não indígena, porque não é permitido morar aqui se você casa com não indígena, aí tanto a regra para mulher e para homem, se você casa com não indígena você já sabe que você não vai poder morar na aldeia, então mais devido a isso também, então tanto vim para cá também, eu tenho a minha nora, ela é do Paraná, ela é kaingang. Ela conheceu o meu filho, esse meu filho mais novo. Ela é falante da língua, ela quando fala com a família dela é somente na língua. Então ela veio do Paraná e está aqui com a gente. Então ela meio que deixou um pouco da, digo, não muito da língua, porque ainda ela é falante, fluentemente, da língua dela, um pouco da cultura dela, eu vejo, dos artesanatos, mas a língua dela manteve forte ainda pela tecnologia também, que eu vejo muito isso. É chamada de vídeo, eu não escuto ela falar em português não. Aí só com a gente que ela se comunica, porque não tem como a gente se comunicar com ela na... se a língua dela é kaingang e a minha terena. Aí ela ensina um pouco a dela para nós e a gente ensina para ela também.

Museu: E quando é assim, por exemplo, se ela se casar assim, ela pode viver aqui?

Zélia: Pode.

Museu: Pode.

Zélia: Só que aí ela vai aprender a cultura

Museu: Terena.

Zélia: Se no caso fosse ao contrário, o meu menino fosse embora na aldeia dela, ia aprender a cultura dela. Então, ela já veio morar para cá com, ciente de que ela vai aprender a cultura terena.

Museu: Seu Júlio, o senhor acha também que muitas pessoas tiveram que sair da aldeia? Muita gente veio morar? Como é que foi isso?

Júlio: Então, no meu caso, assim, dos meus parentes, dos meus irmãos, meu irmão ele casou com uma não índia, mas só que ele já tinha estudado também, aí ele está morando lá em Osasco ainda. Ele mora em Osasco e se aposentou, criou seus filhos lá. Ele mora lá também, e eu tenho outro meu irmão, ele precisou sair, mas ele é casado com uma indígena, ele foi buscar melhoria também, que não tinha muito emprego aqui na região. Aí ele foi lá para Osasco também, foi trabalhar numa firma, trabalhou, aposentou na firma, hoje ele mora lá na aldeia da, lá no Jaraguá, na aldeia da.

Zélia: Da Para. Eu falo Para para ela.

Museu: Sim.

Júlio: Hoje ele mora lá, criou seus filhos, seus filhos moram todos lá na aldeia Jaraguá também. Então ele precisou sair por buscar a melhoria da sua família, esse que é o caso dos meus irmãos.

Zélia: [palavra incompreensível] também.

Júlio: Aí tem a minha irmã, que ela foi estudar para enfermeira, ela estudou aqui em Bauru e lá foi buscar melhoria também. Hoje ela trabalha no Hemocentro, lá em Campinas, ela está na UNICAMP. Já faz 23 anos que ela está lá, já está para aposentar também. Ela tem lá sua casa, tem seu carro, então ela está bem lá, mas foi por buscar melhoria também.

Museu: Uma última perguntinha antes da gente voltar para a questão da dança. Atualmente, quais são as aldeias aqui da terra indígena?

Zélia: Você fala ou eu falo?

Júlio: Hoje.

Museu: E a sequência das aldeias que foram fundadas?

Zélia: Ah, ta.

Museu: Para contar um pouco essa história.

Júlio: Então primeiro foi a aldeia Nimuendajú, porque antes era só uma aldeia, quando meu avô chegou era uma aldeia só, Araribá.

Zélia: Que é tupi-guarani.

Júlio: Que é tupi-guarani, Nimuendajú. Aí foi, mudou, que os guaranis e terenas eram tudo junto, aí mudou. Como cresceu a população, aí teve a necessidade de criar uma aldeia de Nimuendajú, aí já tem o seu cacique, antes também tinha o chefe de posto da Funai, aí teve o chefe de posto da Funai, do tupi-guarani e terena. Aí depois, em 2002, se formou a aldeia Ekeruá, que é aqui que nós estamos, e a Tereguá. A Tereguá é um pouquinho, uns dias, uns meses só, mais.

Zélia: Mais nova.

Júlio: Mais nova. E a aldeia Tereguá, ela vem de duas etnias, dois povos, ali mora terena e guarani. Por isso que deu esse nome de Tereguá, hoje, que antes foi o cacique guarani, hoje o cacique lá é terena, o Tereguá, que é o Lauro Eloy que é o terena. Ele é o cacique lá hoje. Então hoje tem essas quatro aldeias.

Zélia: E o fundador da aldeia faleceu mês passado.

Júlio: É o cacique Darã que fundou a aldeia Tereguá.

Zélia: Faleceu também, um fundador que tem, ele tem duas etnias também, por isso que formou a de Tereguá, que ele tinha.

Júlio: Pai dele.

Zélia: Pai e a mãe, é a terena guarani, ficou a Terena tereguá.

Museu: Bom, então vamos voltar ao assunto das danças, vocês estavam falando, que é você mestre, o seu Júlio também.

Zélia: Então, para ressaltar assim, a gente fala muito terena e tupi-guarani, mas, por exemplo, tem uma família só que tem kaingang, que tem krenak também, mas o mais forte é o terena

e tupi-guarani. Agora, igual na Kopenoti, tem família pequena, kaingang, mas o que prevalece é a etnia maior, que é a terena. Então, nós temos também, língua menor aqui, então, tem também, aqui também tem família, assim. Mas aquela etnia que tiver maior que prevalece. Então, nós temos também, tem terena também pela região de Birigui, que tem Aldeia Icatu. Lá também tem terena e kaingang, também. E na aldeia de Vanuíre-Tupã, também tem terena, tem kaingang, tem krenak, e me parece que já tem também guarani e pankararu. São pequenas famílias, mas o mais forte ali é o krenak e o kaingang também. Então a gente conhece porque às vezes quando a gente tem um encontro eles sempre estão indo, então a gente sabe um pouco da história deles.

Museu: Quais encontros vocês têm participado? Que vocês acabam encontrando o pessoal? Mais da área da educação?

Zélia: Quando se trata de saúde, às vezes é ele mais, da saúde, agora da educação escolar é sempre eu que estou indo viajar. Assim, por que também que sou eu? Porquê devido... de eu saber me expressar melhor, digamos assim. Eu fui indicada pelo cacique quando tem algumas reuniões, eu estou indo, porque para você estar indo participar de alguma reunião, ou seja, da saúde, de qualquer tema que seja naquele dia da reunião, você tem que estar por dentro de tudo. Então, o que eu fico mais por dentro é da educação escolar indígena. Então, sempre estou no viajar. A semana que vem eu vou estar uma semana em São Paulo também. Vou estar com esses representantes também, do Icatu, do Vanuíre e o pessoal do Litoral de Santos, que a gente conhece, que a gente fez a formação junto. A gente vai tá participando de uma seletiva da primeira formação indígena também, que chama ProLindi. Vai ser oferecido para os professores que não têm nenhuma formação. Então hoje é o último dia para quem quer se candidatar das aldeias, aí a seletiva vai ser entre dia 04 até dia 08, então aí como foi escolhido. Aí nesse, no caso é por etnias. Eu sou do terena, então eu que vou estar lá. Do tupi-guarani, a dona Catarina [palavra inferida] lá do litoral. E do krenak é o Wagner [palavra inferida], do kaingang é o [palavra incompreensível] do Icatu. Então, estão distribuídos. Então, a gente vai ser convocado para estar vendo como que eles vão, vai ser oferecido pela Universidade UNIFESP. Vai ser em Santos. Então, já está previsto de acontecer em Março, já. A primeira formação com 40 candidatos. Então, são 40 bolsas. Já temos mais de 91 inscritos. Então, hoje é o último dia para quem quiser se inscrever. E vai ter essa seletiva, a gente vai participar, uma reivindicação nossa de estar participando e vendo como eles vão fazer essa seleção para os indígenas. Então, a gente sempre está, tem várias pessoas representantes que sempre estão viajando.

Museu: Encontrando também.

Zélia: Isso.

esses outros, isso.

Museu: Esses outros. A gente pode voltar para a questão da dança? Que que vocês acham?

Zélia: Sim.

Museu: Se vocês puderem contar um pouco o que é? Quando se dança? Que ensinamentos envolvem? O nome da dança?

Zélia: Sim. Então, como, a primeira cacique aqui da aldeia da Ekeruá não foi eu nem a minha outra parceira que se chama Analu [palavra inferida]. Foi a mãe da Analu [palavra inferida] e a outra chamava, chamava não, chama Odete [palavra inferida]. Ela mudou de aldeia. Então

aí a Analu [palavra inferida] já entrou pela indicação da mãe. Eu já fui indicada pelas mulheres. Então elas se juntavam: "Não, ela que é boa para estar ensinando, estar responsável". Então eu estou até hoje. Essa dança chama Kohixoti Kipaé putu-putu, a dança da chuva, não é a tradução da dança da chuva. O nome é Kohixoti Kipaé putu-putu, mas não é a tradução da dança da chuva. Essa dança, ela nos foi contada que antigamente, como o homem terreno era da agricultura e as mulheres ficavam mais no afazer da casa, e chegou um tempo que não havia mais chuva, então aí as mulheres preocupadas com os esposos que vai na roça, e a roça não estava nascendo o que eles plantaram, e o que foi contado para nós, que elas se reuniram se conversaram e resolveram fazer essa dança da chuva. E fizeram a dança da chuva em fileira, a gente dança em fileira, e quando ela terminou de dançar, as mulheres terminaram de dançar, elas contaram que no céu apareceu a ema, um símbolo da ema, em cima de uma nuvem. Hoje a ema é uma ave sagrada para nós, do povo terena. Essa é uma história que é contada de geração para geração. É uma história que foi contada por os anciões mais velhos. Então a gente fala que o ancião é o nosso professor. Não precisa de certificado, ele já é o nosso professor. Então foi passado para nós isso e hoje a gente fortalece muito isso. A vestimenta também é uma vestimenta com saco de juta, não tem mais, era uma outra, mas não tem como mais ser, e a gente adaptou pela saco de juta, então a gente compara esse saco de juta e faz a pintura, o grafismo nela, a pintura terena. Cada mulher confecciona a sua vestimenta e a gente usa na apresentação cultural mesmo. A gente usa mais na apresentação cultural.

E aqui na aldeia tem um projeto komohiti kalivono [palavra inferida] que é crianças brincando. E as crianças também acabam usando essa vestimenta, porque é uma aldeia que recebe muita visita de escolas, porque eles vêm conhecer um pouco, vivenciar um pouco da nossa cultura, então a gente ensina um pouco de cada, as brincadeiras, as danças. Então a gente faz essa apresentação. E a pintura é uma bolinha, uma bolinha preta, o que quer dizer essa bolinha preta? A pajé, ela me falou assim, ela do nada, ela chama você: "Eu quero falar uma coisa para você, que um dia eu não vou estar aqui, aí você vai saber". Ela falou assim: "Esse preto não significa só o luto, ela significa também o amanhecer." O amanhecer, porque o preto a gente usa em protesto ou em luto também, mas ela disse para mim que também significa o amanhecer do dia. E o branco, hoje já não encontramos muito mais o branco, porque é o barro [palavra inferida] branco, que significa o dia, ou a Páscoa, como é conhecido como, não indígena, o branco, e o vermelho que significa o entardecer, ou aquele sangue derramado por aqueles parentes nossos que foram assassinados. Então isso eu aprendi com a pajé, ela me passou essa, esse conhecimento dela para mim hoje eu passo também para os alunos também essa informação. É bem recente essa informação, então já faz dois anos que ela me ensinou isso e eu não sabia, e às vezes também ela escolhe para quem que ela vai falar, então eu me senti privilegiada nessa parte, então ela deu esse ensinamento, e quem toca para nós são dois homens.

A dança é só mulheres, homem não dançam. E os tocadores, os instrumentos que a gente usa é o bumbo e a flauta. O flautista e o bumbo são homens que toca para nós dançar para dar o som da dança. Então a nossa dança é assim. E tem o ritual também, o ritual se a criança vai iniciar com quatro anos de idade, vai iniciar, então ela tem um ritual bem no mês de Abril, que é um mês cultural nosso. Aí faz todo aquele ritual junto com a pajé também. Aí joga a semente, arroz, feijão, milho, você joga. Balas e doces você joga também para criança, para que não falta nada para eles. Então, esse é um dos ritual tanto para o homem, tanto para a mulher, que é criança com quatro anos de idade, que a partir daquele dia ele não pode mais

ficar sem dançar. Então, ele tem que dançar até ficar velhinho. Então, isso também a pajé falou para nós. Começou a dançar, não pode parar, ela fala. Tem que, todo ano tem que dançar a dança.

Museu: Dança uma vez por ano, normalmente ou mais vezes?

Zélia: Mais vezes, mas com a vestimenta, com o ritual mesmo, é mais em abril.

Júlio: É.

Museu: Aí convida outros?

Zélia: Aí a comunidade inteira participa. Já, por exemplo, hoje nós recebemos visitas, então é só a escola, a comunidade já não vem. Agora o mês cultural, sim, aí é toda comunidade que participa, porque vai ter o ritual, vai ter tudo isso, aí eles participam.

Museu: Seu Júlio, então, a Zélia explicou para gente, da dança que ela ensina, que ela participa. O senhor também poderia contar para gente também?

Júlio: Sim. Então, a nossa dança, a dança do kipê, que significa dança da ema também, dança da ema, então os passos, ela tem os passos da ema também, e a dança, ela é uma estratégia também de guerra, uma estratégia de preparação, de físico, porque a nossa dança do kipê tem uma hora de duração, então tem que estar bem-preparado. Então essa dança é uma da, é uma das coisas que o meu avô trouxe também de Mato Grosso para cá, dos terenas para o estado de São Paulo. Na época, o cacique da dança era meu tio, que era irmão do meu vô, que ele chamava Vitorino [palavra inferida] Pio. Então ele era irmão do meu vô, aí ele começou a fazer essa dança aqui no estado de São Paulo, aí como vai mudando, cada um de nós tem um tempo aqui, então ele se foi, aí foi mudando, foi mudando, e em 2000 a gente foi se apresentar lá em Bertiooga, e como o cacique nosso passou mal, ele foi comer, ele comeu uma comida lá que era peixe, era muito tempero.

Zélia: Muito tempero que não tava [palavra incompreensível].

Júlio: Ele não estava habituado a comer, aí ele passou mal. Aí ele passou mal., aí onde eu entrei no lugar dele de cacique, aí ele não voltou mais como cacique, aí eu fiquei desde 2000, aí dei uma parada um pouco de dançar, porque do falecimento da minha mãe, aí eu fiquei um tempo sem dançar. Mas aí a gente voltou de novo a conduzir o grupo. A dança é em duas pessoas também, em dois pares. É uma flauta e um bumbo que a gente dança. É uma hora de duração, ela tem sete peças que fala, sete jeitos de dançar. É uma estratégia, que hoje também, como mudou o nosso hábito de alimentar, não se consegue dançar mais de uma hora, porque não aguenta, porque cansa bastante, e eu ainda danço ainda, sabe lá no, no protesto lá em Brasília, a gente começou lá em cima, lá nas esplanada do Ministério, nós fomos dançando até lá em frente ao Palácio do Planalto lá, foi uma hora de dança, descendo lá para baixo.

Museu: Isso já agora da demarcação.

Júlio: Da demarcação.

Zélia: Foi.

Júlio: Da demarcação. E essa dança.

Zélia: Foi em 2021.

Júlio: 2021. E essa dança nossa, terena, que ela tem a ver com os passos da ema. Nossa vestimenta é com pena de ema, com cocar tudo de pena de ema. E é dança com bambu. Uma estratégia de guerra, é duas filas, então vai o cacique na frente, ele vai pisando um passo, aí ele vai dando outro passo, e o que está atrás ele vai ter que pisar em cima de onde que ele pisou. Na época tinha muitos conflitos entre os povos também. Então quando eles viam dois passos, dois pés só dos adversários, vamos dizer. “Não tem só dois, nós vamos pegar eles.” Mas quando eu chegava ali tinha uma multidão porque eles vão pisando.

Zélia: Em cima do passo do outro.

Júlio: No passo do outro. Então é uma estratégia. Aí o toque da flauta ou do bumbo. Aí tem um toque, é dois toques. É um toque para você ir e um toque para você voltar. O cacique e o seu grupo, ele tem que entender quando ele tem que ir, quando ele tem que voltar. Então essa é uma estratégia de preparação para a guerra, uma preparação, é um exercício também, que antes nós dançávamos. Eu mesmo, até agora eu danço só no dia 19 mesmo, assim, quando, ou quando tem protesto, aí a gente puxa fila, porque eu sou cacique, é um tipo do, comandante, comandante ele tem que ir na frente, e antes era só, eu dançava só em abril mesmo, e nós dançava só uma vez por ano, agora não, quando eu tem visitas, o pessoal já apresenta, mas o que é o ritual ou apresentação para comemoração mesmo é no dia 19, dia 19 de Abril, aí comunidade toda, faz um churrasco, faz um, um almoço. Então aí é para toda a comunidade. Aí eu sempre falo para os meninos, que essa daí é uma herança que meu avô deixou. Que trouxe de lá para cá e deixou para nós. E vocês tem que levar daqui para frente, porque um dia vocês vai falar isso também: “Não, o cacique da dança dança falou isso.” Essa é uma herança que não é de bem material, não é de bem financeiro. É um bem que os nossos avós deixou para nós. Essa dança. Que é sagrado para nós. Quando você escuta essa, o toque, se fortalece, fortalece a gente. Quando você está lá, não tem mais canseira, você está fortalecido com o grupo. A nossa dança é essa dança que chama a dança da ema, é kipê.

Zélia: Kohixoti Kipaé.

Museu: Zélia, você falou uma questão durante a sua fala sobre preconceito, principalmente quando você foi para Avaí. Vocês sentem que existe preconceito contra indígenas? Não só na cidade, mas vocês acham que, de repente, as aldeias também vivem isso ou não? Como é que é essa questão do preconceito?

Zélia: Você quer [palavra incompreensível].

Júlio: Então, o preconceito, ele ainda existe. Existe, para quem não é, por exemplo, indígena, “Será que existe ainda?” Não, existe. Existe. Aqui mesmo, aqui em Avaí. Avaí, quando entra uma indígena lá, as câmeras, ela está desligada. Aí quando os indígenas vai lá, o pessoal liga, liga para ver se não vai.

Zélia: Se vai furtar alguma coisa.

Júlio: Se vai furtar, pegar alguma coisa. Ainda existe. Agora, com os próprios indígenas, eles, por exemplo, não se misturam, mas respeita um ao outro, um espaço, a língua do outro, a dança do outro. Então, não se mistura, assim, por exemplo, as danças não.

Zélia: A não ser que eles convidam. Ai sim.

Júlio: Hoje, quem tá fazendo isso são as escolas. Quando eles vão se apresentar em algum lugar, eles chamam todo mundo para participar da dança. Isso aí se está mudando, mudou bastante também já hoje. Eles convidam aqueles que querem sentir. Até os não índios

também, já convida para dançar, para participar junto, então isso, o preconceito ainda existe entre não índios, existe ainda.

Zélia: Esse preconceito, então, a gente, por isso que o intuito de ter uma escola indígena dentro da aldeia, para que a gente venha trabalhar com nossos alunos, para futuramente, quando eles sofrer esse preconceito, já estar preparado. Por isso, o intuito desse projeto, como komohiti kalivono [palavra inferida] também, de trazer esses alunos não indígenas, vim conhecer, fazer esse intercâmbio entre os alunos indígenas e o não indígena, na hora da brincadeira eles vão estar todos juntos. Então, isso para fortalecer, tanto os nossos alunos indígenas e o não indígena, para estar conhecendo. Porque a gente acredita sim, que futuramente, eles, se for de Bauru ou se for de Campinas, eles vão, se o nosso aluno for querer fazer uma faculdade, eles vão se encontrar dentro de uma faculdade. Então ali aquele aluno, se alguma vez ele veio conhecer a realidade de uma aldeia, então ele já não vai ter esse preconceito com os nossos alunos indígenas. E os nossos alunos indígenas já estão preparado também, porque por causa desse projeto, que eu comecei a me expressar bem, porque antes eu não conseguia falar, eu ficava tremendo, eu só chorava, não conseguia falar, mas, através desse projeto, acho que veio fortalecer mais, para a gente poder se expressar melhor. E as crianças também, as crianças hoje em dia participam. Temos sim algumas crianças, a gente já até explica para os não indígenas quando vem. Assim: “Você tenha paciência com os nossos alunos, que eles são desconfiados.” Primeiro eles ficam vendo, para depois criar uma segurança. Então o indígena ele é assim, então ele observa primeiro. Se tiver alguém falando primeiro, ele deixa todo mundo falar. Depois ele fala. Então o indígena ele é desse jeito. Mas ainda infelizmente a gente tem esse preconceito. Principalmente por esse barulhinho na boca. A gente fala muito nas visitas que a gente recebe que o povo indígena não faz esse barulho com a boca. Ele é dos norte-americanos, esse barulhinho com a boca. Então a gente fala para eles que o indígena ele não faz, a não ser quando é falecimento, tem algum povo que chora desse jeito, com barulhinho, né Júlio. Eu já vi aqui também uma mulher terena fazer esse barulho. Então, ele tem um momento certo, quando falece alguém. Tem um cântico também. A mulher terena canta também quando falece alguém ou quando recebe alguém. Ele canta também, mas não é um canto ensaiado, é o canto de momento. Você fala para ela: “Ah, você canta para mim o que você cantou.” Não tem. É o único, é único. A mulher terena ela é assim. E isso é um dom que é muito raro hoje se ver. É mais em anciã.

Júlio: É.

Zélia: Em anciã que canta.

Museu: Bom, então é uma última parte, uma última pergunta. E a gente está justamente estudando isso, essa questão dos deslocamentos indígenas, como é que isso aconteceu na história, que culturas esses povos trouxeram de lá para cá, mesmo dentro do território. Se vocês quiserem, puderem falar um pouco sobre esse tema que vocês acham sobre isso, sobre essa história desses deslocamentos, a gente deixa essa parte. E também outras coisas que vocês acham importantes está registrado nessa entrevista.

Júlio: Então, primeiramente eu queria também agradecer esse interesse de vocês aí para estar fazendo esse documentário porque muitas coisas se perderam, se perderam nesses anos porque era muito mais na.

Zélia: Oralidade.

Júlio: Na oralidade. Não tinha os aparelhos para estar registrando. Os nossos avós também, eles não gostavam de dar entrevista, principalmente os terena, até hoje a avó dela não gosta. Então, é com muita conversa para estar para estar deixando gravar ou tirar uma foto. Mas hoje, com o passar dos anos, a tecnologia está aí para que ela venha também a guardar essa memória que foi se perdendo com o tempo. Mas é, hoje nós estamos aí para resgatar, tentando resgatar essa perda que teve no decorrer do passado e muitas coisas que se perderam no caminho. Mas com as histórias, com a gravação dos aparelhos, eu creio que nós vamos conseguir manter a nossa identidade. Eu agradeço vocês está vindo aqui.

Zélia: Com a relação esse tema, eu vejo que o nosso Brasil é rico disso, de imigrantes, que é o nosso tema de hoje. Eu acho bonito. São muitas misturas, cada um com seu dialeto, cada um com sua cultura. Então às vezes eu fico observando o sotaque, as falas deles. Recentemente eu fui para a Bahia, a convite de um professor, professor Vilmar [palavra inferida], de pessoas de Campinas, ele está fazendo um projeto com o povo terena aqui também sobre línguas indígenas. Ele está nos ajudando a como escrever a nossa língua materna, aonde a gente encontra dificuldade devido aos assentos, como escrever a palavra correta. Então, ele está tendo esse projeto aqui também. Então, através disso, ele me deu esse convite para ir apresentando esse trabalho que está sendo feito na Bahia, em Salvador. Então, lá eu disse para ele que isso é uma cultura bem diferente e bonita. Bem diferente e bonita. E aqui também, em São Paulo nós temos muitos imigrantes com várias línguas, então esses registros que está tendo eu vejo que é de grande importância, principalmente, assim, para as futuras gerações, que cada ano se passa ou vai se mudando, então vejo que esse registro é muito importante para as futuras gerações que estão vindo aí.

Museu: Então, muito obrigado mais uma vez pela entrevista, por receber a gente aqui, na aldeia, na casa de vocês. E fica o convite também para vocês um dia conhecerem, levar os alunos.

Zélia: Sim

Museu: E eu vou voltar, a entrar em contato.

Museu: Então, muito obrigado.

Zélia: Obrigada vocês.

Museu: E a gente encerra aqui.